

Os dez anos do Decreto de Migração do rádio AM-FM: considerações e perspectivas sobre o crescimento das redes musicais¹

Karina Woehl de FARIAS²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

O Decreto de Migração do rádio AM-FM completa uma década desde a assinatura em 2013 e tem sido percebido como um marco importante no cenário radiofônico brasileiro da atualidade. A medida governamental possibilitou a troca de espectro, trazendo considerações e perspectivas de melhoria técnica, mas sobretudo de mudanças no radiojornalismo local. No artigo, exploramos os desdobramentos da alteração de *dial* tensionando as implicações na informação do entorno em emissoras do interior que aderiram a uma rede musical de rádio ao irem para a Frequência Modulada. A pesquisa se caracteriza como histórica, qualitativa, exploratória, e utiliza técnicas de revisão bibliográfica para análise de dados. Nas referências sobre radiojornalismo local utilizamos autores como Bonixe (2015) e Comassetto (2011), além de abordarmos a cultura do entorno com Cebrián-Herreros (2007, 2001) e Peruzzo (2005). Nos resultados, destacamos o crescimento de redes de música como a Massa FM e a Jovem Pan.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; decreto; migração do AM-FM; informação local; radiojornalismo.

INTRODUÇÃO

Entendendo a migração do rádio AM para o FM como um marco regulatório, contextualizado por meio de um cenário de crise do meio no Brasil, a mudança de espectro teve seu início em 2013, com o Decreto 8.139 assinado pela então presidenta Dilma Rousseff (BRASIL, 2013). Na cerimônia oficial realizada no dia 7 de setembro, o na época presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Daniel Slaviero, disse que a assinatura representava o fato mais “relevante para o rádio AM nos últimos 50 anos”. O documento autorizou emissoras a adaptarem suas outorgas de Ondas Médias para a Frequência Modulada. O prazo para término da troca de espectro era 31 de dezembro de 2023, marcando o fim das transmissões em AM,

¹Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC), Mestre em Educação (UNESC), jornalista e docente do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Faac/Unesp). Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail fariaskaki@gmail.com.

porém, o processo não deve ser concluído até o final deste ano. “A construção da política para o processo de troca do AM-FM teve início em 2010 com os primeiros estudos sobre o uso da faixa FM estendida e culmina com a assinatura do Decreto” (DEL BIANCO, 2018, p.9).

A mudança de modulação começou efetivamente em 2016 com a Rádio Progresso, de Juazeiro do Norte, no Ceará, sendo a primeira a operar em FM no dia 18 de março. Desde lá, o número de rádios migrantes aumentou nos últimos anos. De acordo com levantamento realizado pelo tudoradio.com, que mapeia as estações na troca de banda, já estão ativas em FM mais de 950 estações migrantes. Observa-se que o estado de São Paulo lidera a lista com 138 rádios provenientes do AM, seguido pelo Paraná e Minas Gerais, respectivamente com 125 e 109 (TUDO RÁDIO, 2023, *online*). Os dados variam muito em decorrência de fatores como o número de estações aptas a migrar para o FM, avanço e disponibilidade da canalização no dial FM (entre FM convencional e FM estendido), tamanho dos mercados, entre outros aspectos.

Nestes últimos dez anos, a troca de *dial* vem representando um importante momento na história da radiodifusão do país, muito ligado à solução para problemas antigos do AM, como a baixa qualidade do som, dificuldades técnicas de recepção e queda de faturamento.

Os limites da tecnologia AM foram destacados quanto à inadequação de sua sonoridade frente à dominante qualidade do estéreo FM; tornou-se gradativamente obsoleta diante da dificuldade de sintonia em grandes centros urbanos, agravada pela impossibilidade de integração aos dispositivos móveis, levando a frequência a ocupar uma posição marginal no ecossistema midiático; a perda de prestígio fez resgatar o poder do FM, considerado por Tim Wu (2012) a quintessência de uma inovação disruptiva, por ser uma tecnologia superior desde sua origem, em 1933, com potencial de substituir o AM a longo prazo; e, por fim, o caminho da transformação caracterizado, neste caso, pela migração para o FM como estratégia para evitar o desaparecimento de centenas de emissoras (PRATA; DEL BIANCO, 2020, p.29).

A migração do AM também deu passos importantes entre 2016 e 2017, quando muitas emissoras assinaram junto ao MCTIC o termo de nova outorga para mudar de frequência. Para Nair Prata e Nelia Del Bianco, autoras de uma das obras importantes que discutem a troca de banda no Brasil, há um certo protagonismo do setor empresarial no processo migratório. Segundo as pesquisadoras, pensando na migração como uma construção de política pública, os radiodifusores influenciaram em todas as etapas do

ciclo, não somente fazendo pressão política para agilizar a tomada de decisão, mas oferecendo soluções a impasses regulatórios.

Se por um lado a troca confere ganhos à qualidade sonora, também evidencia um crescimento no número de redes de rádios musicais, resultando em um enxugamento de espaços informativos locais na programação de muitas emissoras do interior do país, temática que levanta questionamentos sobre o futuro do radiojornalismo. Desta forma, a Migração do AM-FM está alterando a programação das emissoras migradas como já demonstramos em estudos anteriores. Mesmo que as adaptações não apareçam uniformemente, algumas questões sinalizam para uma reconfiguração das grades em Frequência Modulada. Alterações que vão desde enxugamentos no quadro de colaboradores e redações, ao conteúdo, afetando por exemplo, a cobertura jornalística local. O fato é que a troca de modulação trouxe sim resultados satisfatórios, haja vista a mudança de perfis de programas históricos radiofônicos que eram veiculados em empresas do interior, que há muito não recebiam qualquer investimento em novos formatos, mas também requer análises sobre o radiojornalismo destas estações que em AM eram de cunho local.

Isto posto, a mudança do AM-FM gerou oportunidade de atualização para algumas rádios tradicionais, que entenderam a troca de *dial* como possibilidade não somente de melhoria sonora como também de renovação de programação e estratégias para se reposicionar diante da convergência e das multiplataformas (PRATA; DEL BIANCO, 2018). Sem dúvidas, a conquista por mais qualidade nas transmissões foi uma sobrevida para o meio que vinha sofrendo com os ruídos eletromagnéticos em Amplitude Modulada, resultantes em perda de alcance, audiência e anunciantes. No entanto, também foi uma saída estratégica para os negócios dos donos de rádios. Muitos aproveitaram o “momento de mudança” para efetivar cortes, romper contratos e reduzir despesas com pessoal. O argumento do rejuvenescimento da marca colaborou para esse quadro de reduções e enxugamentos (FARIAS, 2020).

A troca de espectro tem representado solução para questões crônicas vividas pelas AMs, como a péssima qualidade de áudio, problemas técnicos de recepção e declínio na receita publicitária. A migração resolve tais desafios existentes, traz resiliência ao meio, mas ressaltamos que a capacidade de inovar não passa somente por mudanças plásticas e técnicas, e sim, de conteúdo e personalização num contexto de constante transformação.

Diante deste cenário, este artigo atualiza dados levantados em pesquisas da autora sobre as adaptações da programação radiojornalística durante a migração do AM-FM, bem como discute os efeitos de tal diminuição na informação local, colocando em risco a função social pela qual o rádio é reconhecido desde o seu surgimento. O diálogo proposto incentiva reflexões sobre a necessidade de estratégias que possam mitigar possíveis impactos negativos e preservar a função cultural do rádio como um veículo de comunicação relevante para a sociedade. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, histórica e do tempo presente, é também exploratória e se utiliza de técnicas de revisão bibliográfica para análise. A avaliação dos números é baseada nos dados trazidos pelo tudoradio.com sobre o aumento das redes de rádios musicais desde o início da troca de *dial* no Brasil.

Vale frisar, que não é nossa intenção supervalorizar a informação em detrimento da música, pois entendemos o papel do entretenimento como parte essencial do rádio desde sua criação. Mas, pretendemos problematizar os espaços locais como forma de trazerem para o debate social assuntos que, geralmente, fogem de discussões de grandes redes, ou seja, contribuindo para a mobilização social em torno de problemas que afetam diretamente a vida das pessoas e seu entorno. Em linhas gerais, defendemos este posicionamento por concordarmos que “o rádio local é colocado como mediador entre as demandas da população e as instâncias governamentais” (MEDEIROS, 2020, p.369).

Sendo assim, miramos em emissoras que aderiram a grupos regionais e/ou nacionais país afora, buscando evidenciar quais as inferências do processo de transição AM-FM no silenciamento de espaços locais de informação de rádio em troca das programações de música em rede. Para análise, buscaremos alguns exemplos de empresas que no AM eram essencialmente locais e com a troca passaram a reproduzir conteúdo distante da realidade do seu entorno.

JORNALISMO DE PROXIMIDADE NO RÁDIO

Por meio da programação informativa das emissoras conseguimos notar algumas das principais características do veículo rádio, tanto em termos de produção quanto de conteúdo. Dessa forma, ao discutirmos o caráter jornalístico das programações é importante destacarmos alguns aspectos para a compreensão do meio e sua função na comunidade. Brecht (2005) já apontava a responsabilidade do rádio para com a sociedade e frisava a necessidade de torná-lo um meio de comunicação e não somente de

transmissão. O rádio, desde sua implantação, tem se constituído como um meio capaz de promover a divulgação de regionalidades, desempenhando um papel fomentador de uma sociedade mais plural. A rápida capacidade de interagir com o público o coloca como um meio massivo que mais tem quebrado a verticalidade das mensagens, atingindo camadas menos letradas, por exemplo.

Neste contexto, descrevemos o rádio local como um meio voltado à programação e produção de informação para a comunidade ou região específica. Além disso, neste artigo, ainda adotamos este localismo no rádio, a partir de Peruzzo (2005), como sinônimo ao radiojornalismo local/regional e ao rádio informativo local/regional, por entendermos que o meio de comunicação local evidencia assuntos que tratem de pautas relacionadas à proximidade com o bairro e a comunidade em geral. Ou seja, quanto mais perto da audiência estiver localizada a emissora, mais interesse de seus ouvintes ela desperta. Isso porque, a cobertura de acontecimentos de proximidade é uma aposta na força de laços identitários. Considerando o exposto, o meio pode ainda capacitar as comunidades locais, fornecendo um espaço para as questões e interesses locais serem discutidas e abordadas.

Assim, podemos afirmar que o rádio dá sentido aos acontecimentos da comunidade, reforçando culturas e costumes. Bonix (2015) reforça que essa identidade foi sendo construída pelas emissoras e demarcavam nas suas próprias designações a localidade para a qual emitiam. O rádio, sobretudo os de emissão local e regional, tem esse olhar voltado ao seu entorno, seja por seus aspectos técnicos e sociais, seja pela produção transmitida. Mesmo hoje em dia, emissoras de muitos municípios país afora são os únicos meios de comunicação responsáveis pela divulgação de informação, e nesse sentido se encontram as notícias de cunho local. Essa mídia do entorno, muito mais identificada com o radiofônico, conhece a cultura, as diversidades e peculiaridades da sua região, utilizando uma linguagem que melhor se ajusta ao seu público e à comunidade. Cebrián-Herreros (2007, p. 65) pontua ainda que “frente à globalidade é preciso insistir no local, no desenvolvimento do entorno imediato, nas culturas do próximo que interessam a todos que vivem em uma determinada comunidade”. Ou seja, o que vem faltando ao rádio é a adaptação, que mais uma vez bate à sua porta.

Dessa forma, destacamos o espaço jornalístico das rádios como um referencial também de credibilidade. Assim, justificamos o estudo como imprescindível para a compreensão do jornalismo local no rádio, levando-se em consideração a identidade e a cultura do entorno (COMASSETTO, 2007), por entendermos a troca de banda como

possibilidade de sobrevivência do meio, não somente como evolução técnica, mas de informação, de conteúdo.

A informação de proximidade, compreendida como componente essencial para a vida em sociedade, estabelece uma conexão direta entre as estações de rádio e a comunidades. Por meio das notícias locais e regionais, o jornalismo que se preocupa com o entorno, incorpora relevância. Tais notícias desempenham um papel fundamental na criação de ligação com a audiência, gerando um senso de pertencimento e engajamento entre os próprios ouvintes. Enquanto as grandes redes nacionais potencializam alcance, atingindo um público amplo, as informações de utilidade pública e prestação de serviço, presente nas emissoras do interior, ecoam na vida das pessoas.

Peruzzo (2005, p.43) lembra que nos meios locais o protagonismo está nos cidadãos, que, “através de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, instituem processos de comunicação com vistas à mobilização social e à ampliação da cidadania”. Dito isso, o rádio local se posiciona como interlocutor entre a população e a esfera pública.

Cebrián-Herreros (2001, p.146) disserta sobre tal localismo no rádio, quando afirma que o meio “atende aos interesses, responde aos gostos e necessidades de serviços de comunicação. Está centrado na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre no exterior e que tenha repercussão na vida da comunidade”. Dito isso, compete aos veículos locais tratarem de temáticas próximas, como coloca Comassetto (2007, p. 66), declarando que “há um público ávido por conteúdos relacionados ao seu lugar de residência ou de trabalho”.

O jornalismo se propõe, de forma mais humana e social, pois há uma conexão próxima entre quem informa e quem recebe essas informações, não sendo apenas um receptor, mas também uma fonte de informação e de medição da qualidade do que se é produzido com expressões de valor sobre o conteúdo (ROCHA, 2015, p. 70).

Assim, as emissoras enquanto concessões públicas têm papel fundamental, e incomparável aos demais meios, de manutenção da sociedade local. Nesse sentido, apontamos ainda o localismo com base também na geografia, mas claro, sem nos esquecermos do aspecto social. As rádios locais desempenham esse papel social capaz de incentivar iniciativas locais, como enfatiza Peruzzo (2005, p. 78), ao dizer que “a mídia de proximidade caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade”. A mídia,

reconhecendo singularidades locais e conectando essa linguagem com as especificidades cotidianas da população, acaba por criar vínculos que vão além da associação dialógica emissora-ouvinte.

Desta forma, o local é um espaço territorial com a sua singularidade. Entendemos que a discussão sobre a programação regional na migração do AM poderia representar um salto de potencialidades do radiojornalismo de proximidade, sobretudo nas emissoras do interior dos Estados, fato que não vem ocorrendo linearmente durante a migração para o FM. As experiências nestes primeiros anos da migração para o FM têm contribuído para aumentar a audiência, segundo gestores entrevistados em pesquisas anteriores, mas os impactos vão muito além dos indicadores quantitativos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A migração do rádio AM para o FM teve implicações significativas na programação radiojornalística, pois envolveu mudanças nas dinâmicas de produção, conteúdo e distribuição das notícias. O crescimento no número de redes de rádios musicais é uma das consequências do pós-migração que destacamos em pesquisas recentes (FARIAS, 2021). Atualmente são 966 estações de rádio originárias da faixa AM que estão ativas em FM. As emissoras migraram para o FM convencional, a partir de 88.1 FM, ou para o *e*-FM, que corresponde ao *dial* estendido, a partir de 76.1 FM. O site tudoradio.com (2023) aponta que as redes nacionais musicais têm crescido, lideradas por grupos ligados às rádios Massa FM, MIX FM e Jovem Pan FM.

Entendemos rede como um aglomerado de emissoras associadas ou afiliadas. Para Avrella e Alexandre (2014, p.5), “as redes compostas por rádios associadas são as que transmitem o mesmo conteúdo em tempo integral ou em alguns horários em diferentes regiões através das sucursais”. Já as afiliadas são responsáveis por retransmitem parte de sua programação para outras estações em tempo real ou em outros horários de acordo com a empresa geradora. A adesão, como mencionamos, ao mesmo tempo que funciona como uma estratégia para baratear produção, leva o rádio no caminho da padronização de informação transmitida, abrindo mão das especificidades da audiência local.

Na tabela a seguir, fica evidente o crescimento das rádios de cunho musical pelo país, chegando a mais de 140 emissoras que passaram para o FM no processo migratório e junto aderiram a um grupo midiático. O fato que chama a atenção é que muitas delas, antes de transmitirem a cabeça de rede em FM, eram emissoras com programação

generalista e essencialmente local no AM. Desde a mudança de espectro, passaram a reproduzir programações de grandes centros.

Tabela 1 Migrantes AM-FM ativas que integram uma rede considerada nacional

EMISSORA	NÚMERO DE ESTAÇÕES
Antena 1	4
Band FM	6
Rádio Bandeirantes	5
BandNews FM	1
CBN	11
Clube FM	6
Deus é Amor	10
Jovem Pan FM	24
Jovem Pan News	12
Massa FM	30
Rádio Mix FM	11
Nativa FM	8
Nossa Rádio	3
Novabrazil FM	2
Rede Aleluia	13
Transamérica	3
Rede Up	2

Fonte: Levantamento realizado pelo tudoradio.com (2023)

Segundo números apresentados pelo Tudo Rádio, a Rede Massa FM, do Paraná, se configura entre as principais com expansão de afiliadas distribuídas em muitos Estados. São 30 ao todo, das mais de 70 estações que carregam a marca. O grupo do apresentador Carlos Massa, o Ratinho, também conta com grandes e médios mercados, como São Luís (MA), Cuiabá (MT), Florianópolis (SC), São José do Rio Preto (SP), Ponta Grossa (PR), Cascavel (PR), Criciúma (SC), entre outros (TUDO RÁDIO, 2023).

Em Santa Catarina, estado em que nos debruçamos a estudar os reflexos da troca de banda durante o doutorado, um exemplo emblemático da mudança de perfil na

programação é a rádio Guararema, de Florianópolis, que atuava regionalmente na capital desde 1986. O empresário, apresentador e ex-deputado catarinense César Souza, comandava a empresa desde a década de 1990. Ele também é proprietário da Guararema em Brusque 107.7FM e em Blumenau 103.5FM. Desde 2017 as três estações aderiram à filiação na Rádio Massa FM.

A mudança na programação da emissora da grande Florianópolis foi brusca, cedendo boa parte da grade para a cabeça de rede em Curitiba. Foram investidos aproximadamente R\$ 500 mil na troca de equipamentos e projeto técnico. A alteração no perfil da grade reduziu os espaços jornalísticos e esportivos da emissora que cobria os municípios do entorno. Agora, a transmissão informativa tem regras a seguir da rede, mesmo com certa liberdade no horário das 6h.

O caso também afeta outros estados, bem como novos grupos midiáticos. No interior paulista, segundo levantamento do tudoradio.com, a Jovem Pan também chama a atenção pela quantidade de emissoras migradas, como apresentado na tabela anterior. Neste caso, dois aspectos são evidenciados, o número grande de estações musicais, chegando a 24 migradas, e também as emissoras especializadas em notícias, a Jovem Pan News, com 12 rádios operando em Frequência Modulada. Segundo o site do grupo, até meados de 2023 a empresa totalizava 114 estações ³espalhadas pelo Brasil.

A rede liderada pela Jovem Pan News de São Paulo está bem próxima de fechar uma área de cobertura importante ao redor da capital paulista através de estações em FM. Com afiliadas originada do AM, mas próximas de concluírem suas migrações para o FM, a marca terá novidades nas praça de Campinas, Santos, Rio Claro e também em São Paulo, após a confirmação da transmissão da grade da Jovem Pan News em 76.7 FM. Em 2022 a rede jornalística também passou a contar com uma afiliada em FM na cidade de Piracicaba, outra estação originada na faixa AM (TUDO RÁDIO, 2023, *online*).

A Rádio Mix FM também ganhou relevância nesse processo que transfere o AM para o FM com 11 estações migradas, seguida também pela Nativa, com 8 emissoras. Os números também apontam para transmissões religiosas, com rádios como a Rede Aleluia e Deus é Amor. É necessário lembrar que o universo das redes radiofônicas não está totalmente catalogado no país e, por isso, estes são dados em constante mutação. Essas

³ O número leva em conta as emissoras musicais (Jovem Pan FM) e noticiosas (Jovem Pan News). Informações no <https://jovempan.com.br/afiliadas>. Acesso em junho de 2023.

redes se dividem em segmentos como musical, religioso e noticioso e são compreendidas como grupos nacionais ou regionais que representam um “conjunto de empresas, fundações ou órgãos públicos que controlam mais de uma entidade de mídia, independentemente de seu suporte, e atuam na periferia do sistema, com presença em até dois estados” (DANTAS, 2010, p. 48).

Os impactos desse aumento das redes são tensionados a partir do risco à identidade local, principalmente em emissoras do interior do país, dando ênfase a culturas globais, sejam elas informativas ou musicais, de outras regiões. Assim, se as redes encurtam distâncias também causam efeitos colaterais nocivos, como a diminuição em alguns horários da audiência local, por conta das transmissões de programas em cadeia, por isso são vistas com desconfiança por atenuarem diferenças regionais, especialmente por fazerem parte, na grande maioria, de grandes grupos de comunicação (KISCHINHEVSKY, 2016).

Vale frisar, que a qualidade plástica destas rádios aumentou com a adesão à rede. Além disso, a programação musical, muitas vezes, também é um diferencial de muitas afiliadas, como no caso da Massa FM. Mesmo sendo repetidora, a seleção das músicas é baseada em pesquisas com grupos focais e inteligência artificial, resultando numa programação diferenciada de outras do gênero, buscando agradar a audiência de forma robotizada. “A construção de programações 100% automatizadas, embora levem ao barateamento da construção do conteúdo transmitido, geram também uma padronização e a falta do diálogo característico do rádio (ORTRIWANO, 1985), sem a proximidade que gera engajamento das novas audiências” (LOPEZ; RESENDE; BORGES, 2019).

A maioria delas pertence aos principais grupos midiáticos do Brasil e busca consolidar seu poder de penetração e atingir um número maior de ouvintes e arrecadações publicitárias. Com a justificativa de levarem informações consideradas de qualidade e sem custos, essas emissoras formam parcerias com as pequenas rádios do interior e vão se tornando soberanas no mercado radiofônico. Cebrián-Herreros (2007) enfatiza o interesse das estações cabeças de rede em estarem cada vez mais presentes em um maior número de localidades. As grandes cadeias não querem ficar presas só no âmbito nacional. Estabelecem um sistema de desconexões por regiões e por localidades para estar presentes também em cada um dos lugares. A desculpa é oferecer informação durante um tempo reduzido sobre o ocorrido no local, mas a razão fundamental é o fator econômico, ou seja,

para captar a publicidade dos pequenos e médios comerciantes que multiplicada pelo número de emissoras, incrementa a arrecadação global da cadeia.

Se de um lado ganha-se em qualidade do som, estética plástica, outros impactos vêm sendo percebidos desde o início da troca da banda AM pelo FM. Dentre as principais justificativas para a escolha da música em troca da informação, está a rentabilidade financeira dos donos das empresas radiofônicas. Sabemos o valor que as redes têm, em profissionalizar e ampliar olhares para além do entorno, para o global, no entanto, elas também acabam por prejudicar o espaço da informação local de muitas emissoras, que desde sua fundação eram quase que fundamentalmente faladas e ligadas em proximidade com a comunidade. Também, conforme Farias (2020), reduziram o número de colaboradores, ampliando o tempo de microfone de comunicadores durante os musicais, um costume ao estilo das FMs. Além disso, como reforçam Magnoni e Rodrigues (2013), o efeito colateral das redes “é que as transmissões nem sempre respeitam as identidades culturais e as preferências dos públicos regionais, fatores que podem diminuir a audiência local de emissoras que veiculam programas em rede”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto ampliou análise de resultados sobre a Migração AM-FM no setor de radiodifusão, temática explorada por esta autora em pesquisas anteriores. O trabalho abordou tanto o ressurgimento de estações enfrentando o declínio na audiência em Amplitude Modulada, quanto as preocupações sobre a perda do caráter local do rádio ao aderirem às redes musicais. O crescimento destes aglomerados de emissoras ficou evidente no processo de troca de espectro do rádio brasileiro.

Os impactos desse aumento das redes de música foram tensionados a partir do risco à identidade local, principalmente em emissoras do interior do país. Os grupos midiáticos acabam dando ênfase a culturas globais, sejam elas informativas ou musicais, de outras regiões. Assim, se as redes encurtam distâncias, também causam efeitos colaterais nocivos, como a diminuição em alguns horários da audiência local, por conta das transmissões de programas em cadeia, por isso são vistas com desconfiança por atenuarem diferenças regionais.

Concluimos que muitas empresas perderam a chance de enxergar o rádio informativo como uma alternativa de se aproximar de um público que estava cada vez mais distante de meios tradicionais. Por consequência, percebemos que as pessoas não

ligam mais o rádio somente para ouvir música, algo que as plataformas digitais oferecem em abundância, mas o motivo da sintonia está na busca de informação, do local, da prestação de serviço e da comunicação interativa com comunicadores.

A transformação do cenário radiofônico uma década depois na assinatura do Decreto 8.139/2013 exige avaliação contínua das dinâmicas entre emissoras locais e redes musicais, garantindo que a essência da informação local conectada à comunidade não fique comprometida em meio às constantes mudanças. Tal constatação contribui para uma compreensão da contemporaneidade, bem como lança luz sobre caminhos a serem percorridos no futuro do radiojornalismo do entorno no rádio brasileiro. À medida que as rádios buscam a sobrevivência após a crise do AM, reduzir a cobertura local em prol de uma programação economicamente mais viável pode se tornar um problema futuro. Por isso faz-se necessário discutir sobre a sustentabilidade do jornalismo local na atualidade, bem como o equilíbrio entre as demandas de entretenimento e informação.

O enxugamento de espaços locais foi observado na experiência da Rádio Massa, anteriormente conhecida como Guararema, localizada na grande Florianópolis, emissora que tinha programação de cunho informativo antes da mudança de banda. Nossa impressão acerca do fenômeno é marcada por um sentimento de prejuízo ao jornalismo de proximidade. Perda relacionada à redução de uma das potencialidades do rádio, de conversar com seu entorno. A programação radiofônica da Guararema estava caracterizada por uma interação mais próxima com a audiência, baseada na tradição do rádio falado, antes de mudar o dial, fato não percebido ao tornar-se Massa FM. A condição, lamentamos, exemplifica uma tendência que pode comprometer o papel do meio de ser mediador entre a notícia e a população. Além disso, a adesão a redes musicais, muitas vezes, resulta em um silenciamento de vozes locais, de preocupações regionais e de eventos próximos do ouvinte.

Sendo assim, reforçamos a necessidade de potencializar estudos e análises sobre os reflexos das redes na migração AM-FM para sabermos se a redução, em alguns casos, de informação de um meio de massa democrático como é o rádio, significou um agravamento na percepção de realidade da população, já que como pontua Bonixe (2015, p.69): “as rádios locais desempenham uma função social que se sintetiza por favorecer uma renovação da vida e das iniciativas locais. A rádio local permite à comunidade conhecer-se melhor”.

Dessa maneira, as implicações no cenário radiofônico na migração para a Frequência Modulada são complexas e exigem novos olhares inclusive para as redes religiosas e também as informativas, temática que pretendemos nos empenhar futuramente. Concluimos, que a transição de faixa não apenas melhorou questões técnicas, mas também reacendeu o debate sobre o equilíbrio entre a preservação da identidade do jornalismo local e a adaptação às demandas de inovação. Diante desse panorama em evolução, é crucial explorar estratégias que permitam às estações conciliarem tradição, rejuvenescimento e as tendências da era digital. A intenção é preservar a essência do rádio como um meio de proximidade, relevante e em transformação.

Considerando tal situação, reafirmamos que o estudo destacou a importância do Decreto de Migração do Rádio AM-FM como marco regulatório dez anos após sua assinatura, bem como ressaltou os ganhos com a modernização da radiodifusão e do contínuo papel social do meio na sociedade. Por fim, nossas impressões acerca do fenômeno de integração a redes musicais são de muitas perdas, desde prejuízos em uma das funções e potencialidades essenciais do meio, de ser local e atender ao interesse público da sociedade do entorno, ao não aproveitamento de características que tornam o meio um dos mais adequados à prática do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- AVRELLA; B. ALEXANDRE, T. **A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil**. In: Anais do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014. Florianópolis, SC. Disponível em <https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/>.
- BONIXE, L. **A territorialização da informação: uma análise do jornalismo nas rádios locais portuguesas**. Novos Olhares, v. 4, n. 1, p. 67-80, 2015.
- BRASIL. **Decreto presidencial nº 8.139** – 7 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm. Acesso em dezembro de 2021.
- BRECHT, B. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, E. (org). **Teorias do Rádio** – textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.
- CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. **La radio em la convergência multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. **Modelos de radio, desarrollos e innovaciones: del diálogo y participación la interactividad**. Madrid: Fragua, 2007.

COMASSETTO, L.R. **A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global.** Florianópolis: Insular, 2007.

DANTAS, F.J.G. **As áreas de cobertura das emissoras de TV e as regiões urbanas de Santa Catarina:** o caso da rede independência de comunicação. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2010.

DEL BIANCO, N. **O ciclo da política pública brasileira de migração do Rádio AM para o FM:** sustentabilidade, gestão do espectro e regulação. Revista Eptic, v.20, n. 3, pp. 7-25, set./dez. 2018.

FARIAS, K.W. **Do AM para o FM:** adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina. 2020. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FARIAS, K.W. **Tensionamentos no dial catarinense com adesão às redes musicais na Migração AM-FM:** o radiojornalismo ameaçado. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais:** mediações e interações Radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; RESENDE, Marcos; BORGES, Daniel. Locução automatizada e o rádio musical: primeiras aproximações. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, p. 185-199, 2019.

MAGNONI, A.; RODRIGUES, K. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação:** contextos, produção e consumo. Encontro Nacional da História da Mídia, Ouro Preto, 2013.

MEDEIROS, Rafael Ferreira. **A função social do rádio local entre desertos de notícia e zonas de silêncio:** reverberações da migração AM-FM. Revista Âncora, v.7, N.1, 2020.

PERUZZO, C.N.K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, v. 26, n. 43, 2005.

PRATA, N.; DEL BIANCO, N. R. (orgs.) **Migração do rádio AM para o FM:** Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Insular, 2018.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia R. **Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro.** Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 17, n. 2, p. 22-32, 2020.

ROCHA, J.L.P. **Processos de produção em radiojornalismo:** um estudo sobre a construção da notícia local nas rádios CBN Natal e CBN João Pessoa. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

TUDO RÁDIO. **Massa FM é a rede com mais migrantes AM-FM.** Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/29413-levantamento-massa-fm-e-a-rede-com-mais-migrantes-am-fm-jovem-pan-radio-mix-fm-e-cbn-tambem-se-destacam>. Acesso em junho de 2023.

TUDO RÁDIO. Migração AM-FM beneficia Jovem Pan News, que passa a ter rede FM ao redor de São Paulo. Disponível em <https://tudoradio.com/noticias/ver/28972-migracao-am-fm-beneficia-jovem-pan-news-que-passa-a-ter-rede-fm-ao-redor-de-sao-paulo#:~:text=Com%20afiliadas%20originada%20do%20AM,Pan%20News%20em%206.7%20FM>. Acesso em julho de 2023.